



VILLANOVA, Pamella. **Primeiros passos no campo da acessibilidade em artes da cena.** Campinas: UNICAMP. Doutoranda em Artes da Cena pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Cena – IA – UNICAMP. Orientadora: Gina Monge.

PRIMEIROS PASSOS NO CAMPO DA ACESSIBILIDADE EM ARTES DA CENA

| Pamella Villanova

RESUMO

Este documento, em formato de descrição de compartilhamento temático, se trata de um percurso reflexivo. De provocações a pensar sobre acessibilidade nas artes da cena, a problemas de gestão, legislação e problemas poéticos que podem se tornar impulsos para a criação. Se há público excluído de seus direitos de fruição artística, como nós, gestoras culturais e artistas da cena, podemos exercitar o imaginar uma plateia cheia de diversidades? Como gestão e criação poética podem se articular diante de uma problemática tão profunda? Este texto é um registro de fala na Mesa “Acessibilidade em Artes da Cena” no VIII Seminário Mario Santana do Programa de Pós-graduação em Artes da Cena da UNICAMP, em 2020.

Palavras-chave:

Acessibilidade. Gestão Cultural. Teatro. Atriz. Dramaturgia.

ABSTRACT

This document, in the form of a description of thematic sharing, is a reflective path. From provocations to thinking about accessibility in the performing arts, to management problems, legislation and poetic problems that can become impulses for creation. If there is an audience excluded from their artistic enjoyment rights, how can we, cultural managers and artists of the scene, exercise the imagination of an audience full of diversities? How can management and poetic creation articulate in the face of such a profound problem? This text is a record of speech at the “Accessibility in Performing Arts” table at the VIII Mario Santana Seminar of the Graduate Program in Performing Arts at Unicamp, in 2020.

Keywords:

Accessibility. Cultural Management. Theater. Actress. Dramaturgy.

RESUMEN

Este documento, en forma de descripción del intercambio temático, es un camino de reflexión. Desde provocaciones hasta pensar en la accesibilidad en las artes escénicas, pasando por problemas de gestión, legislación y problemas poéticos que

pueden convertirse en impulsos de creación. Si hay un público excluido de sus derechos de disfrute artístico, ¿cómo podemos nosotras, gestoras culturales y artistas de la escena, ejercitar la imaginación de un público lleno de diversidades? ¿Cómo se pueden articular la gestión y la creación poética ante un problema tan profundo? Este texto es un acta de intervención en el “Accesibilidad en las Artes Escénicas” del VIII Seminario Mario Santana del Programa de Posgrado en Artes Escénicas de la Unicamp, en 2020.

Palabras clave:

Accesibilidad. Gestión Cultural. Teatro. Actriz. Dramaturgia.

Primейramente, agradeço pelo convite feito pela pesquisadora Daniella Forchetti, para participar da mesa “Acessibilidade nas Artes da Cena”, durante o VIII Seminário Mario Santana do Programa de Pós-graduação em Artes da Cena da UNICAMP. Agradeço também pelas falas que antecederam a minha, que considero muito mais relevantes nesta discussão, pois pude ouvir de corpos com necessidades de ações de acessibilidade, seus desafios e belezas; e também artistas e professoras com práticas consistentes relacionadas à acessibilidade nas artes da cena. Este texto trará um breve registro da fala virtual que fiz na ocasião da Mesa durante o Seminário, minha contribuição será singela neste campo, mas penso que importante, porque pode trazer provocações para a criação artística.

A mencionada mesa aconteceu em 2020, um ano de imensos desafios - parte da história que viveremos daqui para frente - entre eles, a versão totalmente virtual do espaço de compartilhamento de pesquisas do PPGADC UNICAMP, seguindo a mesma direção de tantos trabalhos de artes da cena que foram se transformando para o formato virtual. Destaco essa realidade virtual que assumiu o espaço das artes da presença, porque as produções que serão citadas foram feitas por uma atriz de teatro em formato audiovisual, justamente por conta das circunstâncias.

Sou atriz arte educadora, doutoranda deste programa com orientação da Profa. Dra. Gina Monge e coorientação da Profa. Dra. Veronica Fabrini. Tenho grande interesse em comunicação de saberes, teatro interdisciplinar e teatro simples sem ser simplório, quer dizer, busco fazer arte em contato com a sociedade. Vou fazer aqui um compartilhamento de início de processo de estudos sobre o tema da acessibilidade. Fui provocada a pensar nisso pela artista pesquisadora Daniella Forchetti e também por pareceristas do Governo Federal; e comecei a produzir com muitos erros. Então, a fala que preparei é a partir da perspectiva de alguém que produz imagens poéticas e se sente tocada em trabalhar para considerar esse público.

Consigo perceber, a partir de leituras, de materiais disponíveis em vídeo e texto na internet, relatos de pesquisadoras e também nas falas que precederam esta, na ocasião da Mesa, que existe uma parcela de público em potencial que não frequenta salas de teatro e mesmo conteúdos virtuais porque necessita, sim, de ações de acessibilidade de conteúdo. Trata-se de reconhecer um público excluído de seus direitos de fruição artístico-cultural.

Assim se apresenta um problema de gestão, que fica ainda mais explícito ao se submeter um projeto para a Secretaria Especial da Cultura via Lei Rouanet, pois há que se cumprir a Lei nº 13.146/2015, principalmente, o artigo 42 que afirma que “a pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas”.

Minha modesta experiência na área de gestão cultural me levou a tal espaço, a plataforma SALIC do Governo Federal, na qual encontramos pareceristas que nos exigiram “muitas” ações de acessibilidade para aprovação de determinado projeto de circulação teatral. Tentei, então, me aprofundar nos estudos para então ser capaz de elaborar um planejamento de acessibilidade.

Entendi que está na Constituição Federal Brasileira:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais (BRASIL, 1988).

E também no Plano Nacional de Cultura que é parte do Sistema Nacional de Cultura (Lei 12343/2010). O Plano apresenta 53 metas que orientam os governos federal, estaduais e municipais nas formulações de políticas públicas que promovam e preservem a diversidade cultural do país. Aqui, quero destacar a Meta 29:

100% de bibliotecas públicas, museus, cinemas, teatros, arquivos públicos e centros culturais atendendo aos requisitos legais de acessibilidade e desenvolvendo ações de promoção da fruição cultural por parte das pessoas com deficiência. Garantir que as pessoas com deficiência possam ter acesso aos espaços culturais, seus acervos e atividades (Plano Nacional de Cultura, 2010).

Neste momento de barbárie política, principalmente, no que tange à cultura, ainda que tais exigências possam significar empecilhos para que possamos seguir produzindo arte da forma que fazemos, ainda que possam tornar o trabalho de gestão cultural ainda mais difícil, essa meta significa uma ação de democratização dos bens culturais que já está legitimada em lei, em textos oficiais. Então, mesmo que seja um

processo difícil em que nós, artistas e gestoras, tenhamos que nos adaptar mais uma vez, aprender mais uma vez o que não sabemos, penso que olhar para esses textos legitimados que nos pedem acessibilidade em até 100% dos espaços de cultura, pode ser uma oportunidade para deslocarmos nossas práticas em direção ao público, às necessidades de públicos que não estão nas salas de espetáculos.

É importante destacar, ao trazer essa provocação, que não pode ser responsabilidade das pontas, da sociedade civil, a implementação dessas metas - não somos nós quem devemos fazer o papel do Estado. Mas, neste caso específico, em que estamos em um Seminário de Pesquisa em Artes da Cena, falando sobre acessibilidade, penso que podemos, nos entendendo como sociedade civil, colocar para nós mesmas essa provocação de pensar possibilidades poéticas para criar com a acessibilidade de conteúdo. Esse é o giro que proponho neste texto, que além de um problema de gestão, que se torne uma provocação para criação poética: como trazer acessibilidade de conteúdo para minhas produções?

Como gestora, comecei a cotar Libras e Audiodescrição para todas as sessões do tal projeto de circulação, percebi que aumenta muito o orçamento, principalmente em nosso modo de produção simples sem ser simplório que demanda pouco investimento financeiro. Tentamos traçar muitas estratégias, consultando inclusive outros projetos aprovados e realizados pela Lei Rouanet, são diversas dificuldades entre questões de pessoal e tecnologias. Pensei em fazer a audiodescrição eu mesma, mas logo entendi que não é o caso, que se trata de uma profissão, com treinamentos específicos e grande necessidade de ser legitimada, reconhecida e valorizada.

Até aqui pôde-se perceber que restam muitas perguntas e poucas respostas. Ainda não sei como garantir acessibilidade de conteúdo e, mais ainda, como acessar o público. Proponho que pensemos criação artística junto com a gestão, a gestão junto com a criação, para tentar descobrir caminhos potentes que considerem a acessibilidade desde o início do processo, como impulso criativo, como margens de um rio que permitem movimento e ajudam a guiar o caminho.

Se a gente quiser criar pensando em considerar as plateias que tem deficiência visual e/ou auditiva, consigo imaginar pelo menos dois possíveis caminhos para a criação cênica: que a obra seja 100% acessível - e nesse caso precisaremos de apoio de profissionais de Libras e Audiodescrição; ou criar considerando públicos diversos - será possível elaborar obras que sejam possíveis de ser fruídas por pessoas

com e sem deficiência, como proposta inicial? Podemos conceber a obra jogando com as possíveis deficiências da plateia, quer dizer, considerando que pode vir alguém com dificuldade de mobilidade, que pode haver uma pessoa cega te ouvindo ou uma pessoa surda te vendo? Será possível imaginar uma plateia recheada de diversidades?

A partir disso, tenho pensado em pequenos projetos que consideram acessibilidade de conteúdo na concepção inicial da obra – jogando junto com a estrutura do trabalho de atriz, diretora, encenadora e dramaturga. Um parêntese: deixando claro que Audiodescrição e Libras são atividades que constituem profissões importantes, com demandas específicas e que precisam ser legitimadas, fecha parêntese.

Estudando, me deparei com a seguinte fala de uma pessoa com deficiência visual, o que me levou a pensar:

No teatro, por diversas vezes ouvi a plateia cair na gargalhada sem que eu soubesse o motivo. E ficaria sem saber que gesto teria sido, tampouco qual era o cenário e o figurino se não houvesse alguém para descrevê-los. (BAZANELLA *apud* MOTTA e FILHO, 2010, p. 209).

Com essa fala ressoando em minha mente, pensei em uma possível estratégia para conceber a acessibilidade de conteúdo para pessoas com deficiência visual na concepção inicial da obra: explicitar a dramaturgia, dizer em palavras, com discurso, as marcas fundamentais para entendimento da obra. Por exemplo, podemos jogar com a descrição das personagens e cenário, localizando o porquê daquilo na obra. Jogar, trazer poesia para essa explicitação de marcas, isso pode ser interessante para todo o público, não só pra quem é deficiente. Descrições podem ser poéticas, imagino que possam ser interessantes, porque apesar de sermos uma sociedade da imagem, mesmo nós que enxergamos não temos um olhar necessariamente apurado para a poesia, então a descrição também nos faz perceber coisas, camadas de significados e pode acrescentar poesia à obra.

Exercitando tal estratégia, me propus a criar a partir da descrição da imagem, então elaborei a imagem que poderia potencializar a história que seria contada e criei uma ação repetitiva a partir da imagem que seria descrita no início, revelando que haveria mudanças de ponto de vista da câmera. Assim, a descrição da imagem se tornou o roteiro de ação da atriz, gravei as cenas repetindo determinada

partitura de ações e a composição poética se deu a partir desse jogo, enquanto a narração contava a história e descrevia detalhes de novidade ao longo do vídeo.

Outra experiência que está em processo de criação foi a proposta de criar áudio e vídeo de forma independente, em busca de considerar os públicos desde o início do processo. Assim, montei o áudio do vídeo com a descrição das imagens inseridas no texto, quer dizer, a descrição das imagens pensada a partir de minha ignorância no que tange à audiodescrição e necessidades de pessoas com deficiência, mas também a partir de meus saberes em composição dramaturgica e direção artística, jogando entre erros e acertos, em busca de criar algo que seja potente para uma pessoa que não enxergará as imagens, mas poderá imaginar os pontos que considere importantes na composição da obra. Assim, neste projeto em processo, o áudio consiste em obra autônoma, mas a ele será acrescentado as imagens e legendas, também como obra autônoma.

Escrevo este relato com a certeza de que o que tenho produzido ainda não é totalmente acessível, mas é um início de jornada para tentar considerar esses públicos. É preciso seguir lendo, estudando, ouvindo e vendo o que algumas pessoas deficientes têm como demanda. Entendendo acessibilidade de conteúdo em todas as sessões de teatro como utopia, mas, diferente de outras utopias que miro, está é uma utopia que está na lei, legitimada (ainda que não implementada e em constante risco).

Pensar e produzir acessibilidade de conteúdo não é só uma questão de ter um bom coração, não é só ter empatia com a problemática de corpos com deficiência, é uma questão que está nas leis, é algo que a gente como produtoras de conteúdo, precisa aprender a pensar sobre, a considerar. O público que demanda essa acessibilidade de conteúdo existe. E não é simples, mas além de desenvolver ações de acessibilidade a gente vai precisar também descobrir como dialogar com essas pessoas (como bem disse a Profa. Alice Possani na ocasião da Mesa). O grande desafio é entender quais as demandas dos corpos com necessidade de acessibilidade de conteúdo e então criar poesia a partir daí. Mas dessa provocação que recebi no início do ano de 2020, que se tornou um problema de gestão e ao mesmo tempo um problema poético, penso que pode ser um bom mote para criação cênica: será que conseguimos criar pequenos projetos pensando a acessibilidade de conteúdo na concepção inicial da obra? Como parte da estrutura dos trabalhos da atriz, diretora e dramaturga?

Bibliografia

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*, de 05.10.1988. Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao>.

BRASIL. *LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.html>. Acesso em 5 mai 2020.

BRASIL. *LEI Nº 12.343, DE 2 DE DEZEMBRO DE 2010*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12343.htm>. Acesso em 5 mai 2020.

BRASIL. Plano Nacional de Cultura. Disponível em: <<http://pnc.cultura.gov.br/category/metasp/29/>>. Acesso em 5 mai 2020.

BRASIL. Plataforma Versalic. *Projetos Artes Cênicas jun 2018 – out 2020*. Disponível em: <http://versalic.cultura.gov.br/#/projetos?limit=12&offset=0&area=1&sort=PRONAC:asc&data_inicio_min=2018-6-30&data_termino_max=2020-10-24> Acesso em 5 mai 2020.

Elaborando Projetos – Sociais e Culturais. O Plano Nacional de Cultura Vai Vencer em Dezembro de 2020. Video. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UasJ9qlIz7c>>. Acesso em 3 jan 2021.

MACHADO, Isabel. *A parte invisível do olhar: audiodescrição no cinema – a constituição das imagens por meio das palavras – uma possibilidade de educação visual para a pessoa com deficiência visual no cinema*. Dissertação de Mestrado em Multimeios Universidade Estadual de Campinas, 2015.

MOTTA, Livia M. V. M. FILHO, Paulo R. *Audiodescrição: transformando imagens em palavras*. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

MACHADO, Isabel. *A parte invisível do olhar: audiodescrição no cinema – a constituição das imagens por meio das palavras – uma possibilidade de educação visual para a pessoa com deficiência visual no cinema*. Dissertação de Mestrado em Multimeios Universidade Estadual de Campinas, 2015.

MOTTA, Livia M. V. M. FILHO, Paulo R. *Audiodescrição: transformando imagens em palavras*. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.